

A relação escola e família: da comunicação para a conversação



1/

Introdução

POR

**[Maria Virgínia
Machado Dazzani**

Professora Associada
IV do Instituto de Psicologia
da Universidade Federal
da Bahia (UFBA) e
pesquisadora do Conselho
Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico (CNPq)

**[Waldomiro José
Silva Filho**

Professor Titular do
Departamento de Filosofia
da Universidade Federal
da Bahia (UFBA) e
pesquisador do
Conselho Nacional de
Desenvolvimento Científico
e Tecnológico (CNPq)

NO BRASIL, A EXISTÊNCIA DE UMA RELAÇÃO ENTRE AS FAMÍLIAS E O AMBIENTE ESCOLAR É DETERMINADA LEGALMENTE.

A Constituição de 1988 e o Plano Nacional de Educação (PNE) estimulam que as políticas educacionais incentivem os pais a se envolverem na vida escolar de seus filhos. A importância do engajamento familiar e das escolas no processo de aprendizagem, bem como a relação que estabelecem entre si, é reconhecida também em pesquisas acadêmicas.

Em que pesem as recentes transformações nos ideais de sociabilidade, no conceito de família, no papel da escola e na organização e difusão do conhecimento, a família e a escola ainda são os principais ambientes para o desenvolvimento emocional e intelectual de crianças e adolescentes nas sociedades contemporâneas (Epstein, 2011; Marcondes & Sigolo, 2012; Rech e Freitas, 2023). Ambas são instituições formativas com responsabilidades educacionais específicas e distintas, porém interligadas.

Apesar disso, a relação escola-família historicamente tem enfrentado uma série de desafios e tensões (Glidden, 2018) potencializados com a emergência da esfera pública digital e, recentemente, com a pandemia da Covid-19. Portanto, é necessário analisar como a escola pode promover de modo mais eficaz essa interação. Nesta síntese de evidências, além de fazermos um balanço das evidências apresentadas na literatura acadêmica no Brasil e em outros países sobre a ligação entre escola e família, propomos um novo conceito para pensar esta relação: a noção de *conversação*.

A conversação pode ser entendida como uma performance caracteristicamente cooperativa na qual os participantes assumem propósitos comuns, apesar de suas eventuais diferenças, e entendem seus interlocutores como sujeitos racionais, cujas falas expressam a intenção de comunicar algo verdadeiro. Ademais, pressupõe-se a compreensão mútua. (Grice, 1989).

2/

**Apresentando
o debate****O DEBATE SOBRE A RELAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA EMERGE NAS DÉCADAS DE 1950**

E 1960, sobretudo no campo da Sociologia da Educação, enfatizando as desigualdades educacionais. Estudos correlacionaram características familiares, como renda e escolaridade dos pais, com o desempenho escolar dos filhos, concluindo que fatores socio-culturais influenciam mais do que a renda. Nos anos 1970, com a predominância do conceito de “reprodução” de Bourdieu & Passeron (1982), a família passou a ser vista como transmissora de uma herança cultural e material para os filhos, supostamente determinante para o sucesso escolar, favorecendo grupos privilegiados.

Uma guinada importante ocorreu nos anos 1980: as pesquisas passaram a observar outros aspectos da realidade social, como o ambiente e as práticas cotidianas escolares e familiares. Surgiu, então, um novo campo de estudo: Psicologia Escolar e Educacional Crítica, que investiga as trajetórias educacionais dos jovens e as estratégias familiares adotadas neste contexto, incluindo a escolha de escolas e o acompanhamento do progresso escolar dos filhos pelas famílias (Nogueira & Resende, 2022). Uma avaliação panorâmica dos estudos sobre as relações entre escola e família mostra o crescimento, em diversos países, de trabalhos a respeito do papel das dinâmicas internas da família nos destinos escolares dos filhos (Epstein, 2011).

A presença de familiares no cotidiano escolar dos filhos oferece suporte emocional na realização de tarefas pedagógicas e permite que a instituição escolar tenha acesso às expectativas, às crenças e às perspectivas da comunidade.

Para pesquisadores da Psicologia e Educação (Marcondes & Sigolo, 2012; Deus, Cognetti & Boccato, 2016; Ferrarotto & Malavasi, 2016; Rech & Freitas, 2023) e da Sociologia da Educação (Faria Filho, 2000; Saraiva-Junges &

Wagner, 2016), a presença de familiares no cotidiano escolar dos filhos, além de oferecer suporte emocional na realização de tarefas pedagógicas, permite que a instituição escolar tenha acesso às expectativas, às crenças e às perspectivas da comunidade, contribuindo para a implementação de ações que potencializam a missão educadora. Além disso, o engajamento parental no processo educacional e escolar é um fator decisivo para um ensino de qualidade, principalmente em sociedades profundamente marcadas por desigualdades sociais (Aragão, 2023), de gênero (Carvalho, 2006) e étnico-raciais (Franco & Ferreira, 2017).

No Brasil, esse tipo de estudo ganhou impulso recentemente e tem desempenhado um papel significativo na produção acadêmica (Romanelli, Nogueira & Zago, 2013; Nogueira & Resende, 2022; Rech & Freitas, 2023). Nogueira & Resende (2022) analisaram a produção acadêmica sobre a relação família-escola cadastrada no banco da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) entre os anos 1997 e 2011. As pesquisadoras identificaram 266 trabalhos sobre diferentes aspectos dessa relação e verificaram uma produção acadêmica crescente, com domínio das abordagens qualitativas, foco no ensino fundamental, na escola pública e nas famílias de meios populares.

3 /

Metodologia

O PRESENTE ESTUDO REALIZOU UMA REVISÃO DA LITERATURA BRASILEIRA SOBRE A RELAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA, compreendendo tanto os seus aspectos históricos quanto temáticos. Foi feita uma busca por artigos nas bases Google Acadêmico, Scopus e Web of Science. Usamos, como recorte temporal, a consulta às publicações a partir dos anos 2000 até 2024, considerando também os fatores de impacto das publicações. Ainda que o nosso interesse fosse a realidade brasileira, analisamos também estudos de grande relevância e influência no debate publicados em língua inglesa no mesmo período.

Utilizamos os seguintes descritores (palavras-chave) em língua portuguesa e língua inglesa em nossa busca: relação escola e família; comunicação escola e família; conversaçoão e educaçoão. Foram encontrados 173 artigos sobre a temática, 136 veiculados em periódicos nacionais e 37 em periódicos estrangeiros. Após uma leitura cuidadosa, o material coletado foi separado em duas categorias: (i) a produçoão acadêmica que avalia os aspectos sociais, psicológicos e pedagógicos da relação escola e família e (ii) a produçoão acadêmica que elabora propostas sobre como deve ser a relação escola e família no contexto contemporâneo.

Compreender tanto os aspectos históricos quanto temáticos é fundamental para a contribuição de políticas públicas em educação.

No item (ii), constatamos uma predominância da tese clássica da comunicação entre escola e família, qual seja, a escola informa a família sobre as dinâmicas escolares ou convida a família para encontros e reuniões. Esse tratamento concebe a comunicação escola-família exclusivamente na perspectiva da esfera pública clássica e quase sempre ignora a nova esfera pública digital. Evidenciamos a existência de um reduzido número de trabalhos que tratam do princípio da conversaçoão-diálogo, sobretudo no debate sobre a comunicação entre escola e família na contemporaneidade.

A síntese de evidências apresenta os resultados da análise de 13 artigos e 20 livros, mostrados na tabela 1, que trazem aspectos e propostas que consideram predominantemente a nova esfera pública digital e a dinâmica dialógico-conversacional da relação entre as instituições familiares e escolares.

Tabela 1 – Principais artigos e livros analisados

Ano	Autor	Título
2012	Marcondes, K. H. B. & Sigolo, S. R. R. L.	Comunicação e envolvimento: possibilidades de interconexões entre família-escola?
2013	Kotzee, B.	<i>Education and the Growth of Knowledge</i>
2016	Baehr, J.	<i>Intellectual Virtues and Education</i>
	Deus, D. B. de; Cognetti, N. P. & Boccato, T. A.	Reflexões sobre a relação família e escola: Considerações a partir da psicologia histórico-cultural
	Ferrarotto, L. & Malvasi, M. M. S.	A relação família-escola como alvo das atuais políticas públicas educacionais: uma discussão necessária
	Resende, T. de F. & da Silva, G. F.	A relação família-escola na legislação educacional brasileira (1988-2014)
	Saraiva-Junges, L. A. & Wagner, A.	Os estudos sobre a Relação Família-Escola no Brasil: uma revisão sistemática
2017	Souza, F. K.	Notas sobre a relação família-escola na contemporaneidade
2018	Gildden, R. F.	Comunicação família e escola: Tensões e desafios
	Gomes, W.	A democracia no mundo digital: História, problemas e temas
2020	Goldberg, S. C.	<i>Conversational Pressure: Normativity in speech exchanges</i>
2021	Baehr, J.	<i>Deep in Thought: A Practical Guide to Teaching for Intellectual Virtues</i>
	Greco, J.	<i>The Transmission of Knowledge</i>
2022	Bosco, F.	O Diálogo Possível
	Nogueira, M. A. & Resende, T. de F.	Relação família-escola no Brasil: Um estado de conhecimento (1997-2011)
2023	Rech, A. J. D. & Freitas, S. N.	A inter-relação entre família e escola
2024	Silva Filho, W. J.	Algumas virtudes intelectuais requeridas para uma conversação
	Silva Filho, W. J.	<i>Epistemology of conversation: First Essays</i>
	Carter, J. A.	<i>Digital Knowledge</i>
	Haidt, J.	A geração ansiosa

Fonte: elaborado pelos autores.

4 /

Definições

> Família

O conceito contemporâneo de família é mais inclusivo e diversificado do que em décadas passadas. Hoje em dia, reconhecemos que as estruturas familiares podem variar amplamente e não se limitam ao modelo tradicional de pai, mãe e filhos biológicos. Além disso, a definição de família está cada vez mais relacionada ao apoio mútuo entre os membros, independentemente de laços biológicos, reconhecendo a diversidade e a complexidade das experiências familiares na sociedade atual.

> Comunicação Escola-Família

A ação de troca de informações relevantes acerca do processo educacional escolar protagonizada pela escola e pelos familiares.

> Esfera Pública

Os temas relevantes da experiência humana, sobretudo em sociedades democráticas, deveriam ser tratados na esfera pública, entendida como o espaço social em que os indivíduos se reúnem para discutir questões de interesse comum, como política, economia, cultura e assuntos sociais. A esfera pública pode se manifestar de diferentes formas, como debates públicos, mídia, redes sociais, assembleias, manifestações e outras interações sociais nas quais os assuntos de interesse coletivo são discutidos e deliberados. Trata-se de um espaço essencial para o funcionamento saudável da democracia, pois permite a participação cívica, a formação de opinião pública e a prestação de contas dos governantes, ainda que tenha uma história de transformações (Habermas, 1984).

> Esfera Pública Digital

Espaço virtual em que ocorrem interações e debates sobre questões de interesse público, como redes sociais, fóruns on-line, blogs e sites de notícias. Não é uma simples extensão da esfera pública tradicional para o ambiente digital, mas uma mudança radical no modo como os indivíduos e os grupos se relacionam e expressam suas opiniões, compartilham informações e influenciam discussões sobre diversos temas.

5 /

Resultados
e evidências
disponíveis

5.1 EVIDÊNCIAS SOBRE A COMUNICAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA

A literatura analisada identificou três principais grupos de evidências sobre a relação entre família e escola. Primeiro, um assunto recorrente são os meios e as dinâmicas da comunicação entre escola e família, em especial em relação aos conflitos e às tensões que ressoam da sociedade para o ambiente escolar (Glidden, 2018). Há um consenso entre os pesquisadores segundo o qual a comunicação, como fenômeno que facilita interações entre pessoas, desempenha um papel central nas escolas, sendo essencial para manter relações produtivas e eficazes (Reppa *et al.*, 2010; Dazzani *et al.*, 2017). Neste sentido, a comunicação pode contribuir para o enfrentamento de conflitos sociais que reverberam no ambiente escolar, como questões associadas a temas religiosos e políticos, sociais e de desigualdades de gênero e etnia. Famílias de classes economicamente desfavorecidas, afrodescendentes e indígenas têm sido

historicamente excluídas no espaço público de discussão sobre a vida escolar, além de serem desprovidas de uma voz ativa diante da autoridade pedagógica (Franco & Ferreira, 2017; Carmo, 2020; Aragão, 2023). A maneira como essas questões são abordadas ou silenciadas, e como são conduzidas, pode ampliar ou enfraquecer a cooperação e os benefícios educacionais (Bhering, 2003; Glidden, 2015).

Segundo, os estudos também indicam que um grande desafio prático é criar as condições para uma relação comunicativa entre escola e família baseada na transparência, cooperação e parceria. Os pais e os educadores devem compartilhar informações, discutir desafios, procurar dissipar conflitos e trabalhar juntos em prol do bem-estar e do progresso dos estudantes. Essa relação comunicativa deve ser pautada pelo respeito mútuo, pela confiança e pelo comprometimento com o desenvolvimento integral das crianças.

Terceiro, a literatura aponta para um desequilíbrio nesta relação e, por vezes, uma postura defensiva e hierárquica por parte da escola, que fragmenta a comunicação e gera desconfiança entre ambas as partes. O desafio é promover uma comunicação mais aberta e integrada, respeitando as especificidades de cada núcleo familiar e suas diferentes demandas.

Nesse sentido, autores como Ferrarotto e Malavasi (2016) destacam a importância de priorizar uma abordagem colaborativa entre escola e família, indo além da busca exclusiva por eficiência e bons resultados pedagógicos, bem como da mera participação em eventos escolares e o acompanhamento de tarefas pedagógicas. Tal parceria deve envolver um compromisso mútuo com a formação dos estudantes e a melhoria da qualidade social da educação. Neste processo, o protagonismo deve ser partilhado pela escola e a comunidade, enfatizando a horizontalidade e o conhecimento da realidade local como fundamentais para a avaliação e o planejamento do projeto pedagógico e das ações da escola.

Por sua vez, as mães participantes da pesquisa de Marcondes e Sigolo (2012) argumentam acerca da necessidade de um equilíbrio maior nas interações, permitindo que as famílias tenham voz, sejam recebidas em um ambiente de confiança e respeito às suas perspectivas e não sejam relegadas a um papel passivo em reuniões ou no recebimento de informes e comunicados. Saraiva-Junges & Wagner (2016) exploraram, por meio de grupos focais, as visões de pais e professores sobre seu relacionamento e identificaram a queixa especialmente de mães: elas consideravam as estratégias de comunicação adotadas pela escola insuficientes, ineficazes e incapazes de produzir relações simétricas e inclusivas. As mães apresentaram suas dificuldades para dialogar com professores e coordenadores sobre avaliações; e descreveram a escola como excessivamente institucionalizada, sem flexibilidade e sem uma escuta dialógica.

Isso nos leva a considerar que as evidências em estudos brasileiros apontam que a relação escola-família, na prática, é hierárquica e tende a adotar táticas de comunicação que dão pouco espaço à família.

5.2 A COMUNICAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA NO CONTEXTO DA NOVA ESFERA PÚBLICA DIGITAL

A análise do debate sobre a interação escola-família também indica que, em geral: (a) os autores enfatizam a *comunicação* entre escola e família como ferramenta para otimizar os processos pedagógicos e enfrentar os problemas do cotidiano escolar e; (b) as análises não incorporam as novas características das sociedades atuais, profundamente marcadas pelos meios digitais e pelas redes sociais.

Na contemporaneidade, os gestores educacionais estão sendo desafiados a imaginar novos formatos das relações entre escola e família nos novos espaços sociais, profundamente marcados pelas novas tecnologias e formas de sociabilidade.

A emergência dos meios digitais e das redes sociais trouxe consigo uma transformação significativa na forma como as pessoas se relacionam e acessam informações (Gomes, 2018; Carter, 2024). Por um lado, essas plataformas oferecem oportunidades sem precedentes

para conectar indivíduos de todo o mundo, compartilhar ideias e promover debates sobre uma variedade de questões. No entanto, também é evidente que essa mudança tecnológica está ligada a um enfraquecimento das relações sociais tradicionais. As interações face a face, sobretudo entre crianças e adolescentes, estão sendo substituídas por conexões digitais, levando a uma profunda modificação na forma das relações interpessoais e nas relações com o conhecimento (Haidt, 2024). A hiperconexão é, para muitos pesquisadores, um fator de deterioração da experiência da infância e da adolescência (Haidt, 2024), especialmente porque esse é um ambiente propício para casos de *bullying* e *cancelamento*.

Outro aspecto que as escolas não podem ignorar é a emergência dos fenômenos sociais da *desinformação* (ou *fake news*) e do *negacionismo*. Com a proliferação de fontes de informação não verificadas e a popularização de teorias da conspiração veiculadas por redes sociais, muitas pessoas começaram a questionar a autoridade das fontes de informação estabelecidas (jornalismo profissional, ciência, universidade, escola e Estado). O negacionismo pode ter consequências graves, minando a confiança das instituições democráticas, enfraquecendo a capacidade do Estado de promover políticas baseadas em evidências e colocando em risco o debate público ao desacreditar a ciência e os especialistas. Isso cria um ambiente propício para a calcificação da polarização e da desconfiança social generalizada, dificultando o diálogo e a construção de consenso sobre soluções para os desafios enfrentados pela sociedade.

Diante disso, a escola é instada a imaginar novas formas e meios para conceber a relação escola e família, podendo desempenhar um papel fundamental por meio da promoção da *alfabetização digital*, o incentivo ao pensamento crítico e a pesquisa ativa. A escola pode contribuir, assim, com o rompimento das bolhas informacionais geradas pelo viés de confirmação e pelos algoritmos.

5.3 DA COMUNICAÇÃO À CONVERSAÇÃO: UM DIÁLOGO POSSÍVEL NA NOVA ESFERA PÚBLICA

A escola pode ter um papel crucial na promoção de um novo modelo de interação com as famílias, substituindo o modelo da comunicação e da transmissão de informações pelo *modelo cooperativo da conversação* (Silva Filho, 2024a). Para que a conversação seja possível no combate à polarização, ao *bullying* e ao negacionismo, é necessário que a escola promova nos estudantes, docentes e familiares o desenvolvimento de certas *competências* linguísticas e intelectuais (Silva Filho, 2024b). Algumas dessas competências são:

- (i) habilidades com a linguagem de forma interativa (saber usar bem a fala),
- (ii) disposição para entender e respeitar a opinião dos outros (reconhecendo que todos são capazes de pensar por conta própria) e
- (iii) empatia (conseguir se comunicar com os outros de forma respeitosa, ainda que tenha discordâncias relevantes).

As virtudes intelectuais para a conversação não seriam somente as habilidades e as competências para capturar as informações disponíveis, mas também as habilidades e as competências para interagir com outras pessoas. Quando nós procuramos informações confiáveis, é importante não só ir atrás dessas informações, mas também parar para pensar em como estamos nos saindo nesse processo. Isso envolve, entre outras coisas, interagir e trocar ideias com outras pessoas que também têm os mesmos objetivos. Ao fazer isso, conseguimos avaliar o que estamos aprendendo, refletir sobre como estamos contribuindo para as discussões e, até, corrigir o curso quando necessário. Essa interação com os outros nos ajuda a perceber em que estamos acertando, em que podemos melhorar e, no fim das contas, aprimorar nossa busca por conhecimento. Assim, numa conversação que envolva, por exemplo, desacordos, curiosidades ou dúvidas é indispensável requerer que a pessoa tenha as habilidades e as competências para analisar criticamente os argumentos a favor e contra uma afirmação sua ou de outrem. A atitude de manter a mente aberta e evitar deliberadamente a precipitação, a arrogância e a prática de injustiças epistêmicas – quando se desclassifica o valor das declarações de alguém por causa de gênero, raça, religião ou origem socioeconômica – é necessária e urgente.

Se considerarmos estritamente as expectativas em relação aos estudantes, vale destacar que o desenvolvimento da competência para a conversação cívica permite que eles expressem suas próprias opiniões de maneira assertiva e fundamentada, aprendendo a defender seus pontos de vista de forma persuasiva e a respeitar o direito dos outros de expressar suas ideias. Isso promove a formação de cidadãos críticos e tolerantes e um ambiente de aprendizado colaborativo e enriquecedor, no qual o debate saudável e a troca de experiências contribuem para o desenvolvimento pessoal e intelectual dos estudantes, além de fortalecer a coesão social e ajudar a prevenir tensões decorrentes da falta de compreensão e de empatia.

Nesse sentido, a escola deve desenvolver virtudes intelectuais nos estudantes e, do mesmo modo, entre docentes e familiares (Baehr, 2016; 2021). Tais virtudes permitirão o exercício da competência para a conversação cívica, a confrontação razoável e cívica da diversidade de opiniões, a atitude moderada e respeitosa, aspectos essenciais para preparar as crianças e os adolescentes para uma participação na sociedade democrática. Para tanto, escola e família devem conceber que na formação intelectual e humana das crianças e dos adolescentes não basta o acúmulo de informações e a preparação para a competição social (como o acesso à universidade e às melhores posições de emprego), é necessário reafirmar o caráter cooperativo da existência humana: todos os membros da sociedade formam uma cadeia em que todos são igualmente capazes cognitivamente e portadores de conhecimentos relevantes. Essa formação não é objeto de uma disciplina ou atividade didática, mas é a própria matéria do ato educativo: a formação de laços cooperativos ampliados e o compartilhamento de diversos saberes e opiniões.

Por fim, ao incentivar a participação ativa da família e da comunidade no processo de conversação, a escola fortalece os laços entre os diversos grupos da sociedade, promovendo a solidariedade e o senso de pertencimento à comunidade. Em última análise, ao combater a polarização política por meio do diálogo e da participação ativa da família e da comunidade, a escola desempenha um papel fundamental na construção de uma sociedade mais coesa e democrática e na restauração do espaço público, o *diálogo possível* (Bosco, 2022).

5 /

Recomendações

ALGUMAS AÇÕES SÃO FUNDAMENTAIS PARA APRIMORAR A RELAÇÃO E PROMOVER A CONVERSAÇÃO ENTRE ESCOLA E FAMÍLIAS NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO. Neste sentido, apresentamos a seguir algumas recomendações para a promoção de uma comunicação mais aberta e integrada entre as instituições escolares e as famílias dos estudantes:

> A. Fortalecimento e ampliação de espaços para a discussão de temas sensíveis.

As escolas devem estar preparadas para discutir temas como sofrimento mental, desigualdade social, gênero, racismo e outros assuntos que mobilizam a atenção de familiares e podem ser fatores de tensão.

> B. Fortalecimento e ampliação de espaços para discussão de temas para além das polarizações políticas.

Nos últimos anos, a polarização política tem prejudicado muitas relações sociais. A escola deve ser uma mediadora que não deve ocultar os desacordos de opinião das pessoas (opiniões políticas, morais e religiosas), mas valorizar a ideia de diálogo entre iguais e respeito mútuo. Esses são valores extremamente complexos que, na maioria das vezes, não estão presentes no interior das famílias.

> C. Calendário de atividades regulares que estimulem a interação família e escola.

Sugere-se planejar um calendário de reuniões bimestrais presenciais entre escola-família em dias e horários disponíveis para ambos; a revisão, ampliação e o fortalecimento das associações de pais e mestres por meio das quais os pais e professores possam planejar ações colaborativas no espaço escolar (feiras, palestras, seminários, cursos etc.); a criação e o fortalecimento de espaços digitais de interação e discussão entre família-escola (fóruns, *blogs*, portais digitais); a criação ou a ampliação de grupos em aplicativos multiplataformas de mensagens instantâneas, bem como em redes sociais, com o objetivo de trocar informações relevantes entre a escola e a família.

> D. Educação para a conversação.

A educação para a conversação não é uma simples matéria escolar, mas uma prática efetiva que envolve as esferas educacionais em que (con)vivem os estudantes, a família e a escola. Deve-se ampliar e fortalecer espaços para que a família e a comunidade sejam agentes ativos no processo de conversação. Recomenda-se que temas sensíveis (sofrimento mental, desigualdade, sexismo etc.) componham uma agenda de eventos que envolvam familiares e membros da comunidade, focando na promoção da compreensão mútua, do respeito pelas diferenças e da busca por soluções colaborativas.

> E. Fortalecimento e ampliação de canais diretos de interação família e escola.

Deve-se revisar, fortalecer e ampliar espaços digitais para que a família esteja em interação contínua com a escola e vice-versa. Grupos de WhatsApp não são suficientes, pois, em geral, pela falta de mediação, facilmente servem mais para provocar conflitos do que para os enfrentar. O letramento digital da escola dará as condições para se criar ferramentas adequadas de acordo com a realidade da unidade educacional.

> F. Projetos de atuação conjunta.

O gestor público pode repensar, ampliar e redirecionar recursos para que sejam realizados projetos integrados entre família e escola para tratar de temas sensíveis de acordo com a realidade específica de cada território (uma comunidade pode ter a questão do meio ambiente como central, outra pode ter o problema do abuso de drogas, e assim por diante) na qual a unidade escolar esteja inserida.

EXPEDIENTE**D³e – DADOS PARA UM DEBATE
DEMOCRÁTICO NA EDUCAÇÃO**

Olivia Silveira
Diretora Executiva

Clarissa Kowalski
*Coordenadora de Comunicação
Institucional*

Faviane Teixeira
Gestora de Projetos

Referências bibliográficas

- ARAGÃO, A. C. L. Além da sala de aula: parcerias entre professor, família e escola na Educação Inclusiva. **Rebena: Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, n. 7, p. 218-232, 2023. Disponível em: <https://rebena.emnuvens.com.br/revista/article/view/146>. Acesso em: 29 out. 2024.
- BAEHR, J. **Deep in Thought: A Practical Guide to Teaching for Intellectual Virtues**. Cambridge: Harvard Education Press, 2021.
- BAEHR, J. **Intellectual Virtues and Education**. New York, London: Routledge, 2016.
- BHERING, E. Percepções de pais e professores sobre o envolvimento dos pais na Educação Infantil e Ensino Fundamental. **Contrapontos**, v. 3, n. 3, p. 483-510, 2003. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rc/article/view/742>. Acesso em: 29 out. 2024.
- BOSCO, F. **O Diálogo Possível**: por uma reconstrução do debate público brasileiro. São Paulo: Todavia, 2022.
- BORDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- BRASIL. **Plano Nacional de Educação – PNE**. Ministério da Educação. Brasília: INEP, 2014.
- CARMO, I. B. **Identidade étnico-racial: infância, escola, família e subjetividade**. 2020. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2020.
- CARTER, J. A. **Digital Knowledge: A Philosophical Investigation**. New York, London: Routledge, 2024.
- CARVALHO, M. E. P. Relações entre família e escola e suas implicações de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, v. 110, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742000000200006>. Acesso em: 29 out. 2024.
- DAZZANI, M. V. M.; RISTUM, M.; BARROS FILHO, D. Psicologia, Aprendizagem e os Fundamentos da Educação. **Cadernos de Pesquisa: pensamento educacional**, v. 12, p. 39-68, 2017. Disponível em: <https://homolog-sites.utp.br/index.php/a/article/view/644>. Acesso em: 29 out. 2024.
- DEUS, D. B. de; COGNETTI, N. P.; BOCCATO, T. A. Reflexões sobre a relação família e escola: Considerações a partir da psicologia histórico-cultural. **Revista Perspectivas do Desenvolvimento: um enfoque multidimensional**, v. 4, n. 5, p. 1-23, 2016.
- EPSTEIN, J. L. **School, Family and Community Partnerships: Preparing educators and improving schools**. Johns Hopkins University: Westview Press, 2011.
- FARIA FILHO, L. M. Para entender a Relação Escola-Família: uma contribuição da história da educação. **São Paulo em Perspectiva**, v. 14, n. 2, p. 44-50, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392000000200007>. Acesso em: 29 out. 2024.
- FERRAROTTO, L.; MALAVASI, M. M. S. A relação família-escola como alvo das atuais políticas públicas educacionais: uma discussão necessária. **Educação: Teoria e Prática**, v. 26, n. 52, p. 232-246, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.18675/1981-8106>. Acesso em: 29 out. 2024.
- FRANCO, N. H. R.; FERREIRA, F. I. S. Pesquisar e educar para as relações étnico-raciais na educação infantil: uma luta contra o ruído do silêncio. **Zero a Seis**, v. 19, n. 36, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2017v19n36p252>. Acesso em: 29 out. 2024.
- GLIDDEN, R. F. **Práticas coercitivas docentes: relações com envolvimento, monitoria parental e comunicação entre pais e filhos**. 2015. 219f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.
- GLIDDEN, R. F. Comunicação família e escola: tensões e desafios. **Rev. Fac. Educ.**, v. 29, n. 1, p. 159-174, 2018.
- GOLDBERG, S. C. **Conversational Pressure: Normativity in speech exchanges**. Oxford: Oxford University Press, 2020.
- GOMES, W. **A democracia no mundo digital: história, problemas e temas**. São Paulo: Edições Sesc, 2018.
- GRECO, J. **The Transmission of Knowledge**. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.
- GRICE, H. P. **Studies in the way of words**. Cambridge: Harvard University Press, 1989.
- HABERMAS, J. **Mudança Estrutural na Esfera Pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- HAIDT, J. **A geração ansiosa: como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais**. São Paulo: Cia. das Letras, 2024.
- KOTZEE, B. **Education and the Growth of Knowledge**. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2013.

LEONCIO, S.; MESQUITA, Z.; RABELO, R. S. A comunicação via whatsapp na interação escola e família na educação infantil durante a pandemia de Covid-19. **RIAAE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 18, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.21723/riaae.v18i00.17218>. Acesso em: 29 out. 2024.

MARCONDES, K. H. B.; SIGOLO, S. R. R. L. Comunicação e envolvimento: possibilidades de interconexões entre família-escola? **Paidéia**, v. 22, n. 51, p. 91-99, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/wmHT7p-ZPnLS7L3vTDbC9tTP/?lang=pt>. Acesso em: 29 out. 2024.

NOGUEIRA, M. A.; RESENDE, T. F. Relação família-escola no Brasil: um estado de conhecimento (1997-2011). **Educação: Teoria e Prática**, v. 32, n. 65, p. 1-19, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.18675/1981-8106>. Acesso em: 29 out. 2024.

RECH, A. J. D.; FREITAS, S. N. A inter-relação entre família e escola. **Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação**, v. 41, n. 3, p. 1-23, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000100012>. Acesso em: 29 out. 2024.

REPPA, A. A. *et al.* School leadership innovations and creativity: The case of communication between school and parents. **Procedia Social and Behavioral Sciences**, v. 2, p. 2.207-2.211, 2010.

RESENDE, T. de F. & da Silva, G. F. (2016). “A relação família-escola na legislação educacional brasileira (1988-2014)”. In **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, **24**(90), pp. 30-58.

ROMANELLI, G.; NOGUEIRA, M. A. & ZAGO, N. (2013) **Família & Escola: Novas perspectivas de análise**. Petrópolis: Vozes.

SARAIVA-JUNGES, L. A.; WAGNER, A. Os estudos sobre a Relação Família-Escola no Brasil: uma revisão sistemática. **Educação**, v. 39, p. 114-124, 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/21333>. Acesso em: 29 out. 2024.

SILVA FILHO, W. J. **Epistemology of conversation: First Essays**. Dordrecht: Springer, 2024a.

SILVA FILHO, W. J. Algumas virtudes intelectuais requeridas para uma conversação. In: Borba, A. Z.; Lopes, A. V. (orgs.). **Virtudes e vícios da mente humana**: uma antologia de ensaios sobre caráter intelectual. Porto Alegre: Editora Fi, 2024b.

SOUZA, F. K. Notas sobre a relação família-escola na contemporaneidade. **Revista de Ciências Humanas**, v. 51, n. 1, p. 124-143, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/2178-4582.2017v51n1p124>. Acesso em: 29 out. 2024.

A SÍNTESE DE EVIDÊNCIAS é um documento que reúne dados, informações e evidências científicas, publicadas no Brasil e no mundo, sobre políticas educacionais. Para organizá-la, é adotada uma metodologia robusta para o levantamento e sistematização das evidências: escolha de artigos que sejam referência no campo internacional (altas taxas de citação), publicados em revistas reconhecidas internacionalmente (de acordo com rankings acadêmicos de prestígio) e pertencentes a diferentes áreas de conhecimento (como educação, administração pública e economia, dentre outros).

Entendemos, porém, que toda metodologia possui restrições e, com o intuito de colaborar para o debate democrático das políticas educacionais, avaliamos que é central declarar a ciência de que há limitações nesta síntese, intrínsecas a qualquer estudo de cunho acadêmico. Neste sentido, não pretendemos esgotar toda a literatura nem apresentar uma síntese exaustiva ou conclusiva. Ao contrário, nosso intuito é oferecer um material robusto para auxiliar os gestores na tomada de decisões e fomentar o debate baseado em evidências, que pode e deve ser complementado por outras perspectivas.



O D³e - DADOS PARA UM DEBATE DEMOCRÁTICO NA EDUCAÇÃO É UMA ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL,

sem fins lucrativos, que busca aproximar conhecimento técnico e científico dos tomadores de decisão no campo das políticas públicas educacionais brasileiras, contribuindo para qualificar as tomadas de decisão, a fim de enriquecer o debate educacional e influenciar positivamente a mudança do cenário no país, estimulando o uso de dados e evidências científicas. Desde 2018, o D³e elabora relatórios que consolidam aprendizados sobre tópicos educacionais no Brasil e no mundo, originados de pesquisas e artigos acadêmicos; dissemina conteúdos qualificados para educadores, gestores públicos, congressistas, membros da academia e da sociedade civil e promove debates e discussões a respeito de temas sensíveis e relevantes para o campo educacional.